

Resenha

Carmen Silvia Cervelatti

GASBARRO, M. Cecília. "Sintoma fóbico: metáfora y letra", in *Satisfacciones del síntoma*. Colección Orientación Lacaniana. Buenos Aires: Paidós, 1997, pp. 73-77.

A autora desenvolve um percurso em alguns momentos do ensino de Freud e de Lacan, explorando o sintoma fóbico em suas funções de fronteira, experiência inaugural (da estruturação da neurose), limite, muralha, posto avançado, escudo, parapeito e sinal.

FREUD: no sintoma fóbico importava mais sua função que seu sentido.

"As neuropsicoses de defesa" (1894) – na formação de sintomas em algumas fobias "não se encontra nenhuma idéia reprimida". Não se está no campo da substituição e se encontra somente um estado afetivo de ansiedade.

"As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica" (1910) – o material decisivo para a resolução da fobia não pode ser abordado enquanto se sente protegido pela observância da conduta fóbica, antes é necessária a "tradução de seu inconsciente" até que possam renunciar à proteção fóbica.

"O inconsciente" (1915) – chamava a fobia de muralha protetora feita de contrainvestimentos construídos ao redor de uma idéia substitutiva, porém encerrada neste escudo que converterá qualquer excitação em sinal de angústia.

"Inibições, sintomas e angústia" (1926) – Apesar do sintoma se fundar na substituição, a eficácia do sintoma fóbico não passa pela satisfação substitutiva e sim por operar como "sinal de sinal". Assim, a direta e precária relação da fobia com a angústia, colocada aqui como causa do recalçamento, questiona a formação do sintoma como efeito da intervenção castradora do pai, constituindo um impasse.

LACAN: Tal impasse, tanto na formação do sintoma como em seu tratamento, aparece no *Seminário 4: A relação de objeto*, quando Lacan particulariza o sintoma fóbico como uma metáfora suplente. No sintoma neurótico, o Nome-do-Pai ao barrar o desejo da mãe

“escreve uma cifra, NP/DM, com o efeito de significação do falo que ela comporta”: um elemento simbólico que significantiza o falo, regulando tanto o imaginário (insuficiência) quanto o real (excesso de gozo). Na fobia, devido à inoperância do agente da castração, esta cifra se escreve de maneira diferente, é o significante fóbico que entra no lugar do Nome-do-Pai, como suplência. É o que Miller chama de “metáfora paterna desviada” (*Conferencias porteñas*), o que vem de encontro ao que Freud percebeu: a inexistência de uma idéia recalçada no sintoma fóbico e dele não poder ser abordado pela via da interpretação, que liberaria os significantes recalçados.

No *Seminário 4*, Lacan postula o objeto fóbico estando na função de significante, que a autora aproxima como função de escudo, defesa e sinal, dadas por Freud e, por Lacan, como “arma no posto avançado, contra a ameaça do desaparecimento do desejo” (*Escritos*, p.689) e fronteira, limite a não ser franqueado (a partir do *Seminário 4*).

Este objeto fóbico, colocado na função de significante, nomeia o agente da castração e também “opera como nome para o sujeito”: um objeto que pode ser pensado como letra, pois é um nome enigmático, cristalizado, é uma cifra. Para dar sustentação a esta formulação, a autora percorre, muito apressada e sucintamente, o *Seminário 16: de um Outro ao outro*. Nele, Lacan dá à fobia o estatuto de operação com o gozo, inaugural na experiência do neurótico, concernentes à função fálica e aos avatares do objeto a. Aqui também encontramos uma substituição, mas em outros termos: a intrusão do gozo fálico positiva o sujeito como objeto do desejo do Outro (a); a angústia emerge e a operação fóbica consiste em “substituir o objeto da angústia por um significante que causa medo” (p.297), “porque, frente ao enigma da angústia, a relação de perigo assinalada é tranqüilizadora” (citação feita pela autora da resenha); desta maneira, o objeto tem função significante e imaginária: enlaça Simbólico e Imaginário. O sintoma fóbico consiste nesta substituição da angústia por medo. É o que Lacan continuará sustentando, tanto em “A terceira” como na “Conferência em Genebra sobre o sintoma”(1975): o encontro com a ereção não é autoerótico e sim hetero, o sintoma de Hans é a expressão da recusa do “gozo que resulta desse *Wiwimacher* lhe é alheio até o ponto de estar no início de sua fobia. Fobia quer dizer que está amedrontado por ele.” (*Intervenciones y textos 2*, p.128)

O tratamento das fobias não foi abordado neste texto, porém a autora retoma em Freud que o sintoma fóbico não é acessível pela

interpretação. Com Miller temos que a fobia é uma maneira “desviada” da metáfora paterna, um modo de enlaçar Simbólico e Imaginário. Lacan propôs a fobia como placa giratória; “ela gira mais do que comumente para as duas grandes ordens da neurose, a histeria e a neurose obsessiva, e também realiza a junção com a estrutura da perversão” (*Seminário 16*, p. 298), qual o tratamento possível à fobia? Então, o tratamento não se dá pela interpretação, deverá incidir sobre a metáfora paterna e, assim, girar para uma histeria ou neurose obsessiva? Isto envolve questões.